

Esquecida e abandonada

Enquanto investe no projeto de expansão do Plano Piloto, ordenado na prancheta do arquiteto Lúcio Costa, o Governo do Distrito Federal parece condenar de vez ao esquecimento Samambaia, planejada em 1983 com a mesma finalidade de minimizar o déficit habitacional (estimado hoje em 150 mil residências) e conter o inchaço populacional que mina a infra-estrutura de Brasília e das cidades-satélites.

Criada para ser "a cidade do futuro" — com um "traçado urbanístico moderno" e "uma infra-estrutura modelar", segundo afirmava a equipe do então governador José Ornelas —, Samambaia é atualmente um projeto de cidade fantasma. O Governo de então previa uma cidade-satélite habitada por 350 mil pessoas, instaladas em 35 mil casas e em 25 mil apartamentos que seriam erguidos nos lotes e projeções a serem abertos no terreno situado nas proximidades de Taguatinga.

A realidade, contudo, é mais modesta e dura. Toda a grandeza arquitetada pelo GDF não foi além da implantação de uma quadra — a 406 —, onde de cerca de 125 famílias — algo em torno de 500 pessoas, segundo estimam os moradores do local — convivem com todas as variantes possíveis do caos num amontoado urbano.

As propostas embutidas no projeto pelo GDF previam que o sistema de transportes de Samambaia seria "de tal forma implantado que passará a

ser a melhor opção para os moradores", como publicou o CORREIO BRAZILIENSE naquela época. "O único sistema de transportes que a gente dispõe aqui é um ônibus da TCB que, três vezes por dia, faz a linha para Taguatinga", afirmou Angélica Gomes dos Santos, casada, três filhos.

Ela ocupa uma das raras casas cuja construção já foi concluída e integra um grupo de outras seis, segundo explicou, "porque os proprietários se juntaram e contrataram uma empresa para construir as casas". Angélica chegou em Samambaia para fugir ao "alto custo dos aluguéis em Taguatinga. Eu morava na QNA 9 e pagava Cz\$ 2 mil de aluguel. Aqui, estou pagando Cz\$ 2 mil 500".

Angélica não esconde que a troca não foi das mais felizes, apesar das vantagens em termos de preço do aluguel. O amontoado de problemas enfrentados em Samambaia é assustador. A exceção da rede de esgotos, nenhuma outra obra de infra-estrutura foi implantada totalmente pelo GDF. As "ruas" não são pavimentadas e parecem muito mais leitos de riacho no estio, com crateras que impedem o tráfego de veículos em muitos trechos, poças d'água e lamaçais deixados pela chuva.

"Nós temos água", acrescenta Angélica, "mas quase todos os dias falta nas casas". Não há iluminação pública, policiamento ou posto de saúde. A única escola é um jardim de infância instalado nu-

ma residência por acabar e de dimensões acanhadas. "Para mandar as crianças à escola, é preciso enfrentar o sacrifício de usar o ônibus, com esses horários precários", lamenta.

Para quem não precisa ocupar imediatamente sua casa — construída em lotes de 8m x 15m ou de 7m x 20m, em média — Samambaia pode ser um bom negócio. Jaime Nascimento mora em Sobradinho e começou a construir no seu lote com a finalidade de "conseguir aluguel. Eu não venho morar aqui. Vou construir a casa e alugar para alguém ou deixar fechada".

Jaime obteve o lote numa das muitas licitações realizadas pela Terracap, responsável pela administração dos terrenos, a partir de 22 de outubro de 1984, quando foi iniciada a comercialização. O lote custou Cr\$ 13 mil e foi quitado há dois anos. O proprietário diz que os problemas de infra-estrutura não são exatamente "um estímulo para a gente morar aqui".

O novo sócio do clube dos locatários — cada vez mais rendoso em Brasília — é um dos muitos proprietários que tentam apagar a imagem de cidade fantasma. Samambaia parece, de um lado, um imenso canteiro de obras, onde se movimentam algumas dezenas de pessoas tocando obras mal-acabadas, que se resumem praticamente ao esqueleto das residências (não há, por exemplo, muros circulando as casas ou lotes; na área contígua à quadra já desenha-

da, abre-se um imenso des-campado, ponteados de postes de rede elétrica que delimitam vagamente as áreas que seriam transformadas em lotes).

Encontrar alguém disposto a encarar o lugar como ao menos um projeto para o futuro não é tarefa fácil. Mas existe: "Eu comprei o lote há um mês, numa licitação da Terracap. Como sou solteiro, espero que a casa que eu construir aqui venha a ser a minha residência quando me casar", proclama Hélio Pires da Silva.

Ele adquiriu o lote por Cz\$ 4 mil 800, construiu a casa e se instalou com os pais, deixando a residência que possui na Ceilândia. Hélio também faz coro ao estado de abandono com que o GDF premiou Samambaia, ressaltando, especificamente, o problema da falta de segurança, que resulta em "muitos roubos de material de construção. O lugar é escuro e os malandros aproveitam para roubar quase tranquilamente".

Uma história confirmada até mesmo pelos operários que trabalham na única obra de grande porte tocada em Samambaia: a construção de 51 residências encomendadas pela Fundação Habitacional do Exército. "Até aqui os caras roubam material sim", afirmou um dos operários que não quis se identificar. "Isso aqui é o fim do mundo. Até para tomar uma pinga a gente tem que trazer de Taguatinga, porque não existe comércio por aqui".